

Acesso às atividades escolares não presenciais aumenta na rede pública, mas 77% dos estudantes se sentem tristes, ansiosos, irritados ou sobrecarregados na pandemia, mostra pesquisa Datafolha

- Pesquisa Datafolha, encomendada pela Fundação Lemann, Itaú Social e Imaginable Futures, e realizada com pais ou responsáveis por 1.556 estudantes da rede pública municipal e estadual do país, mostra que as atividades não presenciais chegaram a 82% dos alunos em julho – contra 74% em maio;
- Esta é a terceira onda da pesquisa – resultados mensais. Trata-se, portanto, de panorama amplo da educação brasileira durante a pandemia;
- O estudo aponta que o percentual de alunos desmotivados, de acordo com a percepção de pais ou responsáveis, passou de 46% em maio para 51% em julho;
- Passou também de 58%, em maio, para 67%, em julho, os alunos com dificuldades na rotina de estudos em casa;
- Aumentou de 31% para 38% o percentual estudantes cujos pais e responsáveis temem que estes desistam da escola por não conseguirem acompanhar as atividades;
- Os dados apontam um alerta em relação aos Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), em que o percentual de alunos desmotivados é maior (54%) assim como o temor dos responsáveis em relação ao abandono escolar (43%);
- Na pesquisa realizada em julho, também foi feita uma segmentação por perfil de estudantes, na qual 35% dos que recebem algum tipo de atividade em casa se enquadram no grupo ‘em risco’ de desistir da escola; em maio, esse índice era de 26%.

São Paulo, agosto de 2020 - Uma série com três pesquisas realizadas pelo Instituto Datafolha investiga, desde maio, como tem sido o cotidiano de estudos em casa de alunos da rede pública municipal e estadual, com a pandemia e o fechamento das escolas. Os reflexos da pandemia na educação são vários e a série histórica mostra que, de maio a julho, as redes públicas continuaram buscando alternativas de atividades escolares não-presenciais para os seus estudantes, passando de 74% para 82% os alunos com acesso a algum conteúdo pedagógico. Porém, com o passar do tempo, eles se mostram mais desmotivados, ansiosos e com dificuldade para manter a rotina de estudos.

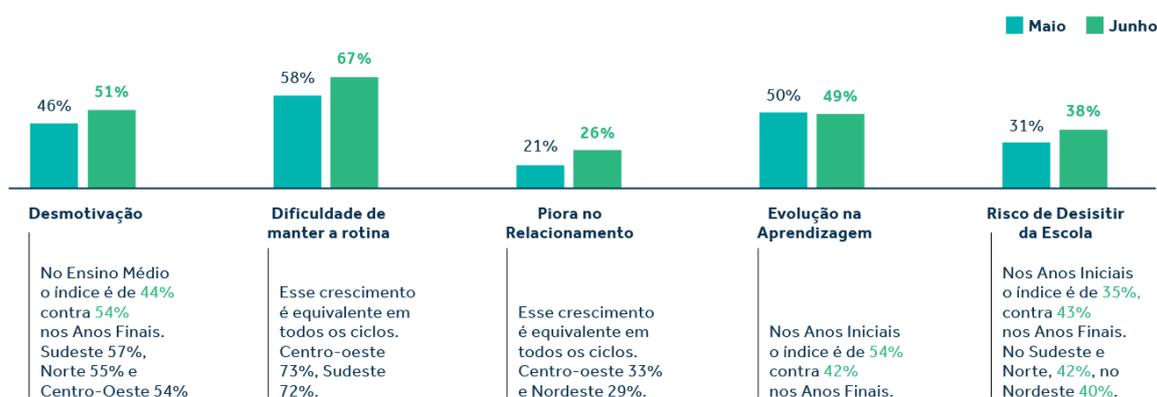
Em julho, a pesquisa mostra que 77% dos estudantes estavam tristes, ansiosos, irritados ou sobrecarregados na pandemia, segundo as respostas dos pais e

responsáveis. Além disso, aumentou o percentual de alunos cujos pais temem que desistam da escola por não estar acompanhando as atividades: de 31% em maio e junho, para 38% em julho. Este índice é maior para o ciclo dos Anos Finais (43%).

A série histórica foi encomendada ao Datafolha pela Fundação Lemann, Itaú Social e Imaginable Futures com o intuito de traçar um panorama da educação pública na pandemia sob o ponto de vista dos pais e responsáveis e dos seus estudantes. Na terceira pesquisa da série, o Datafolha entrevistou, via telefone, 1.056 pais ou responsáveis por 1.556 estudantes de escolas públicas de 7 a 15 de julho de 2020.

Subiu de 46% em maio para 51% em julho o índice de estudantes desmotivados com os estudos durante a pandemia. Este percentual é maior entre os alunos dos anos finais: de 50% em maio para 54% em julho. Também passou de 58% para 67%, entre maio e julho, o percentual dos que percebem dificuldade na rotina das atividades em casa, e de 31% para 38% os estudantes com risco de desistir da escola por não conseguir acompanhar o ritmo das aulas, segundo as respostas de pais ou responsáveis.

CONFORME O MODELO AVANÇA, O DESGASTE DOS ESTUDANTES AUMENTA



“A ansiedade está ligada, muitas vezes, à falta de perspectiva com o término da pandemia. Estamos vivendo em um mundo com muitas incertezas e isso tem reflexo no aluno. A escola tem a possibilidade de reduzir esse sentimento ao intensificar o contato do professor com a família e os alunos, informando sobre os próximos passos, dando dicas de estudos em casa. Esse contato é essencial e precisamos discutir as melhores condições para que esse contato exista”, diz Denis Mizne, diretor executivo da Fundação Lemann.

“Há um grande esforço das redes públicas de ensino, professores e famílias para mitigar os efeitos da suspensão das aulas presenciais por meio do ensino remoto. Mesmo com todas as dificuldades de recursos, conectividade e planejamento, todos têm se dedicado para garantir que os alunos evoluam em 2020. Mas, para conferir o máximo de unidade neste cenário desafiador, é

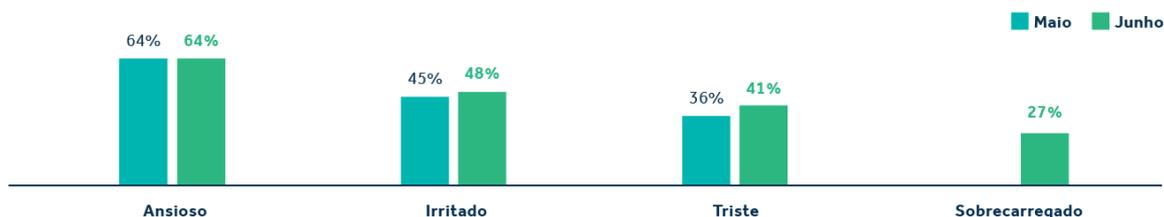
necessário um apoio cada vez maior aos professores e às famílias, que têm a missão de auxiliar e incentivar os alunos. Para além da formação, é preciso reconhecimento com recursos concretos para que os professores possam desenvolver com excelência o seu trabalho. O vínculo entre família e escola também é primordial e deve ser fortalecido, a fim de evitar o abandono e a evasão escolar”, avalia Angela Dannemann, superintendente do Itaú Social.

SITUAÇÃO PSICOLÓGICA DOS ESTUDANTES

A dificuldade na rotina de estudos é acompanhada pelos sentimentos dos alunos na pandemia, observados pelos pais ou responsáveis por eles. A ampla maioria (90%) declara que os alunos têm saudades dos professores e 56% mantêm contato com colegas da escola.

Ainda segundo a percepção dos pais, 64% dos estudantes estão ansiosos. Passou de 45% para 48%, entre junho e julho, os que estão mais irritados, e de 36% para 41% os que se sentem tristes. E 27% dizem estar sobrecarregados.

64% DOS RESPONSÁVEIS PERCEBEM ESTUDANTES ANSIOSOS E 48% ESTÃO IRRITADOS NESSE PERÍODO; PRATICAMENTE NÃO HÁ DIFERENÇA POR REGIÃO E CICLO



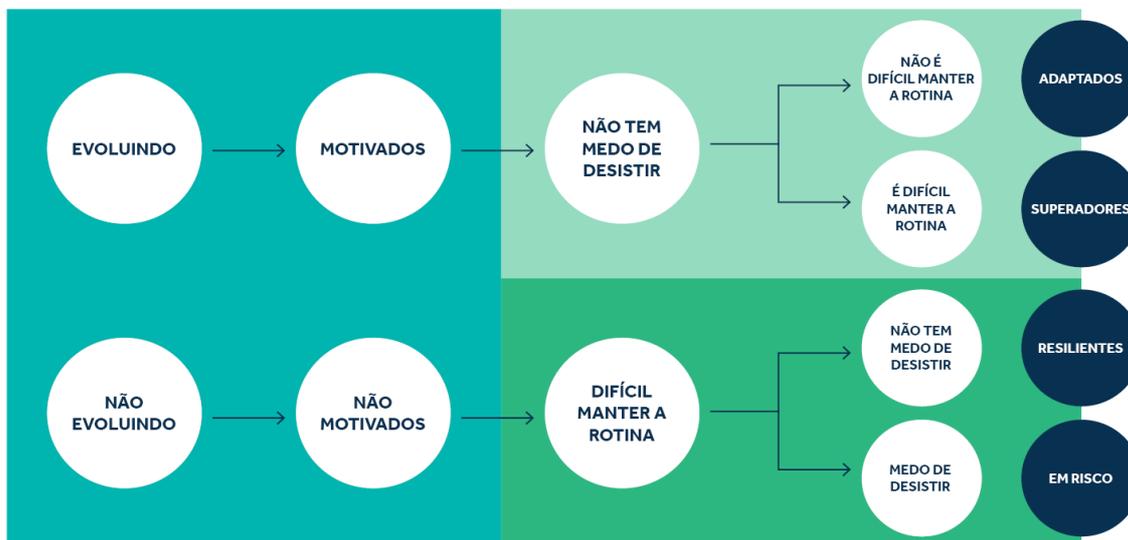
SEGMENTAÇÃO

Na pesquisa de julho, também foi feita uma segmentação por perfil de estudantes, tendo como base os resultados dos três estudos Datafolha, que analisou as variáveis sobre a rotina de estudos e dividiu os alunos em quatro grupos, que receberam algum tipo de atividade para fazer em casa (82% no levantamento de julho).

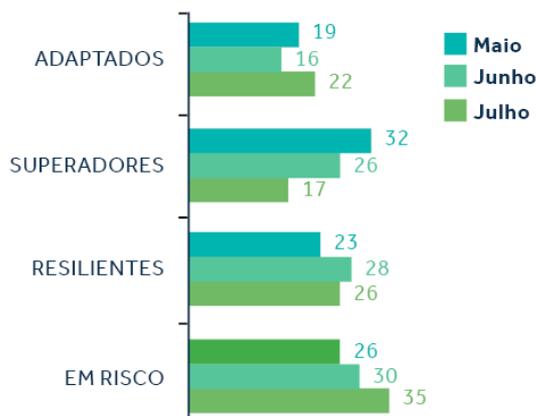
São eles:

'Adaptados' e 'Superadores' – 40% dessa amostra – são aqueles mais adaptados ao modelo de estudo na pandemia;

'Resilientes' e 'Em Risco' – 60% da amostra – estão desmotivados e com dificuldade em manter a rotina (ver imagem abaixo).



Houve um aumento pouco expressivo entre os *adaptados* (de 19% para 22%) ao longo dos meses, porém ocorreu redução significativa de 32% para 17% entre os *superadores*. O mesmo ocorreu entre os mais desmotivados: os *resilientes* tiveram aumento de 23% para 26%, enquanto os estudantes *em risco* subiram de 26% para 35%, no período de maio a julho.



Entre os estudantes *em risco*, o maior percentual encontra-se nos Anos Finais (39%) e entre os que têm pais e responsáveis menos escolarizados (41% cursaram até o Ensino Fundamental). Já os mais *adaptados* estão no Ensino Médio (26%).

Por região, os *adaptados* estão mais presentes, proporcionalmente, no Sul (29%) e Nordeste (28%), enquanto no Sudeste há maior presença de alunos *em risco* (39%) do que nas demais regiões. No Centro-Oeste, destaca-se o índice acima da média de *resilientes* (32%). Nas regiões metropolitanas, 19% estão *adaptados*, 30% são *resilientes*, 19% são *superadores* e 33% estão *em risco*. Nos municípios do interior, 24% estão *adaptados*, outros 24% são *resilientes*, 16% são *superadores* e 36% fazem parte do grupo *em risco*.

Na parcela de estudantes que estão em risco, 37% são negros e 32%, brancos. A taxa de *adaptados* fica no mesmo patamar (21% entre negros, 22% entre brancos) e há pequena diferença na taxa de *resilientes* (25% e 29%, respectivamente).

RETORNO ÀS AULAS PRESENCIAIS

92% dos pais e responsáveis pelos estudantes avaliaram que, para não perder o ano escolar, eles deveriam seguir o modelo híbrido no retorno às aulas presenciais. Ou seja, os estudantes continuariam tendo atividades pedagógicas em casa e na escola. Para 86%, o ano letivo de 2020 deveria continuar até 2021 para que os alunos aprendam, com reforço escolar, o que não aprenderam durante a pandemia. Assim, não haverá reprovação. Os responsáveis por 76% dos estudantes também acreditam valer a pena ter aulas aos sábados, 74% defendem aulas em dias alternados e 73% gostariam que houvesse mais horas de aula por dia para os alunos não perderem o ano letivo de 2020.

“Nada substitui o professor e a interação em sala de aula, mas a pandemia nos mostrou que a tecnologia pode ser uma aliada na educação. O modelo mais adequado pode ser aula presencial com o uso da tecnologia, mas para isso precisamos discutir a conectividade nas escolas e nas casas dos estudantes. O que foi aprendido na pandemia não pode virar uma lembrança, mas uma mudança de comportamento”, diz Denis Mizne, da Fundação Lemann.

Mais informações:

Assessoria de Imprensa – Fundação Lemann

Analítica Comunicação – analitica@analitica.inf.br



Rení Tognoni – reni@analitica.inf.br – cel. 11 99151-6164

Juliana Neves – juliana.neves@analitica.inf.br

Julia Rezende – julia.rezende@analitica.inf.br

Assessoria de Imprensa – Itaú Social

Elaine Alves – elaine@tamer.com.br – cel. 11 97514 0799

Ana Claudia Bellintane – anaclaudia@tamer.com.br – cel. 11 99849 5628